

A resistência de um bibliotecário morto retido em uma universidade: *Alegres memórias de um cadáver*, de Roberto Gomes

Cleiry de Oliveira Carvalho¹

Universidade Federal de Brasília-UNB, Brasília, DF, Brasil

Resumo: O romance *Alegres memórias de um cadáver* foi escrito e ambientado na Ditadura Militar e nos permite refletir sobre e interpretar o que esse período significou politicamente para a educação. Na obra figura uma universidade privada que prioriza o cálculo econômico (objetivando manter-se no mercado da educação) — ao ponto de os números do balanço anual se converterem em critério “acadêmico” para a manutenção de disciplinas no ou sua eliminação do currículo. A multiplicidade de focos narrativos utilizados por Roberto Gomes estabelece um ponto de vista que transcende qualquer perspectiva individual, de modo a estabelecer a própria universidade como protagonista. Assim, o romance oferece ao leitor o ensejo de transpor a sátira fantasiosa dos espaços acadêmicos para uma crítica muito mais profunda da dinâmica social mais ampla das práticas costumeiras dentro e em torno da universidade. E a volatilidade do mercado que circunscreve as atividades dessa universidade é análoga à volatilidade do bibliotecário cadáver, cujo corpo pervaga como um fantasma os espaços do campus. O autor fragmenta ao máximo a narração, de modo que o leitor possa enfim perceber que ela toda corresponde à própria universidade, ou a seu cadáver, aprendiz de fantasma. No romance, esse fantasma em potencial representa a universidade brasileira, com suas inversões hierárquicas, reformas sempre provisórias e superficiais, avaliações corporativistas e quantificadoras, discursos avançados e práticas regressivas, dilatação da burocracia, ilusões políticas e sua instrumentalização etc.²

Palavras-chave: Roberto Gomes; Ditadura militar; Violência; Política; Universidade.

Título: La resistencia de un bibliotecario muerto en una universidad: *Alegres memórias de um cadáver*, de Roberto Gomes

Resumen: La novela *Alegres memórias de um cadáver* fue escrita y ambientada en la Dictadura Militar y nos permite reflexionar sobre e interpretar lo que este período significó políticamente para la educación. En la obra figura una universidad privada que prioriza el cálculo económico (con el objetivo de permanecer en el mercado de la educación), hasta el punto de que los números del balance anual se convierten en un criterio “académico” para la mantención o eliminación de disciplinas del plan de estudios. La multiplicidad de enfoques narrativos utilizados por Roberto Gomes establece un punto de vista que

¹ Doutora em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília-UNB/CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6989-4266>
E-mail: cleiry-carvalho@yahoo.com.br

² O artigo que ora apresento é resultado da minha pesquisa desenvolvida no doutorado na Universidade de Brasília-UNB, sob a orientação da Prof^a Anna Heron More, e intitulada “O Lugar e a Função da Escola na Estrutura Social Brasileira Representada nas Obras: *O Desertor*, *O Seminarista*, *São Bernardo* e *Alegres Memórias de um Cadáver*”.

trasciende cualquier perspectiva individual, de manera a establecer a la propia universidad como protagonista. Por lo tanto, la novela ofrece al lector la oportunidad de transponer la sátira fantasiosa de los espacios académicos a una crítica mucho más profunda de la dinámica social más amplia de las prácticas habituales dentro y alrededor de la universidad. Y la volatilidad del mercado que circunscribe las actividades de esta universidad es análoga a la volatilidad del bibliotecario cadáver, cuyo cuerpo pasea por los espacios del campus como un fantasma. El autor fragmenta la narración tanto como sea posible, para que el lector pueda finalmente darse cuenta de que ella todo corresponde a la universidad misma, o a su cadáver, un aprendiz de fantasma. En la novela, este fantasma en potencial representa a la universidad brasileña, con sus inversiones jerárquicas, reformas siempre provisionales y superficiales, evaluaciones corporativas y cuantificadoras, discursos avanzados y prácticas regresivas, dilatación de la burocracia, ilusiones políticas y su instrumentalización, etc.

Palabras clave: Roberto Gomes; Dictadura militar; Violência; Política; Universidad.

Title: The resistance of a dead librarian kept in a university: *Alegres memórias de um cadáver*, by Roberto Gomes

Abstract: The novel *Alegres memórias de um cadáver* (which translates to “Jolly Memoirs of a Cadaver”) was written and set in the Military Dictatorship, and allows us to reflect on and interpret what this period meant politically to education. A private university features in the work, and its priority is the economic calculation (aiming to survive in the education market) — to the extent that the annual balance figures become “academic” criteria for maintaining subjects in, or eliminating them from the curriculum. The multiplicity of narrative foci used by Roberto Gomes, establishes a point of view that transcends any individual perspective, so as to establish the university itself as protagonist. Thus, the novel affords the reader the opportunity to cross the fanciful satire of academic spaces over to a much deeper critique of the broader social dynamics of the customary practices within and around the university. And the volatility of the market that circumscribes this university's activities is analogous to the volatility of the cadaver librarian, whose body wanders like a ghost throughout the spaces of the campus. In the novel, this ghost-to-be represents the Brazilian university, with its hierarchical inversions, ever provisional and superficial reforms, corporatist and quantifying evaluations, advanced discourses and regressive practices, overblown bureaucracy, political illusions and their instrumentalization, etc.

Keywords: Roberto Gomes; Military dictatorship; Violence; Politics; University.

Ambientado em uma universidade em Curitiba, *Alegres memórias de um cadáver* conta a história de um bibliotecário que, descobrindo-se com câncer e com pouquíssimo tempo de vida, resolve doar todos os seus livros para uma biblioteca. E, por ser um homem em defesa da ciência, doa o próprio corpo para o HC. Este será contrabandeado para uma universidade privada e é nessa universidade que a trama se desenvolve. A narrativa é localizada no início da década de 1970, durante a Ditadura Militar³. No calendário acadêmico aproxima-se eleição para o DCE e o conselho da universidade encontra-se reunido para

³ Na aula do professor Wladimir — aparentemente é o único que trabalha, aliás, faz contrabando de corpos para poder dar suas aulas — suas provas de Anatomia são associadas, textualmente, a “operação militar” (p. 20). Gregório, ao fazer os serventes esperarem por ele para serem demitidos do trabalho terceirizado, os encontra “em formação militar” (p. 92), e para Gregório eles são medrosos, mal vestidos, cheiram mal, e estão “enfiaados em seus próprios ombros” (p. 93).

inviabilizar a presença de alguns “alunos profissionais” na chapa da oposição ao DCE, fato que incomoda a direção que havia conseguido manter, nos últimos 5 anos, um DCE cooptado. Diante desse momento político, analisado pela administração como um grande problema para a universidade, a andança de um cadáver contrabandeado passa a gerar situações lidas pelo conselho como ações subversivas dos alunos da chapa de oposição ao DCE.

Em um emaranhado policial em que o leitor acompanha o desfecho da confusão causada, involuntariamente, pelo cadáver, a universidade vai aparecendo: reuniões, opressões, vigilância, polícia no campus, prisão, desaparecimento e morte de aluno, disputa de poder no interior da instituição de ensino. Ainda, incapacidade intelectual, vaidades, subordinação dos processos educativos a interesses alheios à própria educação, mas que atendem ao mercado educacional. Os professores dessa instituição (Norma, Stela Maris, Padre Pedro, Lineu, Alarico, Loredano, etc) estão sempre preocupados com questões que não dizem respeito à universidade, ou seja, não discutem currículo, plano de ensino, desempenho de alunos diante das metodologias aplicadas, extensão, ensino; nada disso. Por outro lado, falam de amenidades relacionadas à vida pessoal de cada um e alguns julgam outros.

A composição de Gomes exige do leitor muito mais que atenção e apreensão do processo fabular para construir um panorama da obra. Aliás, se algum leitor encontrar essa obra sem nenhuma referência que a date, não terá convicção de que se trata de uma obra engendrada durante a Ditadura Militar de 1964. A essência da obra está muito presente nas universidades e políticas deste final da segunda década do século XXI. Mas o que poderá ser apontado como uma divertida e imaginosa sátira em um primeiro momento, precisa ecoar nos ouvidos do seu leitor como um amargo grito de desamparo. Isso por ser uma obra viva, exposição da vida universitária lá e, também, cá.

O período militar, ou seja, a Ditadura Militar, representa um momento muito problemático em diferentes contextos brasileiros. Diversas análises históricas foram feitas no decorrer dos últimos anos e falarei de algumas vozes que precisam ser retomadas. Os estudantes brasileiros estavam em busca de acesso ao ensino público e de qualidade. Eles vivenciam conflitos por quererem acesso à Universidade, e a querem com qualidade e para quem a quer. Durante esse período de perseguição, torturas e mortes, destaco uma categoria de trabalhadores que foi vitimada: os docentes.

Um breve panorama do que aconteceu com os docentes pode ser visto na dissertação do historiador Jaime Valim Mansanem em que trata de “Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964 e 1969)”:

Na USP, em 28 de abril de 1969, três professores foram expurgados. Um dia depois, repetiu-se a arbitrariedade contra outros 24 professores, incluindo o reitor (que substituíra Gama e Silva, então ministro da Justiça e um dos civis que assinaram vários decretos de expurgo). A partir de 1970, o governo Médici reprimiu a universidade ainda mais violentamente. Em 1972, foi expurgada mais uma professora e, durante os

primeiros cinco anos da década de 1970, muitos professores e alunos de lá foram presos e torturados. Há pelo menos 24 pessoas, entre alunos e professores da USP, consideradas desaparecidas ou comprovadamente assassinadas pelo regime ditatorial⁴. Já na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foram expurgados dezesseis professores, em fins de 1969⁵. (MANSAN, 2009, p. 169)

O historiador apresenta esses casos e se dedica ao caso da UFRGS. Ele não trata da PUC, mas afirma que tratar da UFRGS é uma forma de tratar o que acontecia em todo o estado. Além dos expurgos é preciso pensar nas demissões “voluntárias” a que muitos professores foram forçados.

Roberto Gomes declarou em entrevista ter escrito esse romance logo após ter sido demitido da PUC em Curitiba. Não se deve acreditar em narração em primeira pessoa, seja ela de autor ou de personagem, mas o super-narrador⁶ apontado por Silva (1980), na minha leitura seria nada mais nada menos do que o herói problemático do gênero que escreve, ou seja, o autor é o herói problemático do romance. Mas, se tenho que pensar em uma busca para interpretar o romance, a busca é do autor⁷:

Nunca estive numa reunião do Partido Comunista. Os militares implicaram comigo porque eu soltava a língua nas aulas. Em 1976, o governo conseguiu me tirar da Católica e um ano depois da UFPR. Um dia, o irmão Raimundo me chamou e disse que não podia renovar meu contrato na PUC. Fomos juntos falar com um ex-bedel da faculdade de Direito, representante por lá do SNI. Questionei a decisão. Foi kafkiano. Disse-me que eu sabia o que tinha feito. Pedi ajuda a uma amiga, a Suzana Munhoz da Rocha, para que falasse com o pai dela [o ex-governador Bento Munhoz da Rocha]. A história chegou ao general João Batista Figueiredo. Ao puxar minha ficha, ele teria dito: “Mas é um comunista de Blumenau. Melhor mandar à merda”. Na ocasião, um professor da UFPR me chamou para um encontro no estacionamento. Tinha um recado para mim, vindo de uma autoridade: ou eu parava de buscar justificativa para a suspensão ou ia acabar preso. Como não queria ir para a cadeia, escrevi *Alegres memórias de um cadáver*. Foi minha vingança. Fiquei sem emprego. Por isso decidi fundar a Criar Edições.

O importante desse recorte da entrevista é o depoimento do professor que foi vítima da ditadura militar, em Curitiba, em duas situações: na universidade privada e na universidade pública. O que ele faz dessa situação deve ser observado pelo produto final, a

⁴ ADUSP. *O Controle Ideológico na USP (1964-1978)*. São Paulo: ADUSP, 2004. p. 90.

⁵ SALOMON, Délcio V. À guisa de prefácio. In: PIMENTA, Aluísio *et al.* UFMG: Resistência e protesto. Belo Horizonte: Vega, 1979. p. II.

⁶ Sobre o narrador de *Alegres memórias de um cadáver*, na interpretação presente em “Um romance sobre a Universidade”, tem-se:

Não podemos ser maldosos e afirmar que este super-narrador é o autor, o Roberto Gomes em carne e osso; mas podemos considerar que o super-narrador, não identificável com sinais explícitos dentro do romance, e, apesar de oculto, com ativa presença, constitui uma espécie de consciência denunciante, cujas memórias são recentes e ainda vivas. [...] o título [...] passa a ter duplo sentido: pode referir-se ao discurso do personagem cadáver [...] e pode referir-se ao discurso da consciência denunciante de alguém que, considerado morto pela Universidade, constitui uma incômoda presença e um fator possível de transformação histórica. (SILVA, 1980, p. 5)

⁷ Entrevista disponível para consulta:

<<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1481>>, consultado em dez. 2018.

obra. Nela, as memórias são importantes, mas a ironia é que no passado eram alegres e depois deixam de ser.

Sobre *Alegres memórias de um cadáver* recorro a Antonio Manoel dos Santos Silva que em “Um romance sobre a Universidade”, analisa:

Para descrevermos o foco narrativo temos que afastar preliminarmente o ilusionismo do título. Há uma oculta força persuasiva no título que nos orienta para a leitura da história inventada como se fosse esta a narração feita pelo personagem cadáver. Veremos que somente num plano de interpretação da gênese externa, muito discutível, é que poderemos considerar o texto como fictícias memórias de um cadáver, mas de um cadáver que não será mais o corpo fantástico do ex-bibliotecário, que serve para as aulas práticas de anatomia do professor Wladimir. As memórias do personagem cadáver, se afastarmos o ilusionismo do título, são parte do romance, não o romance. (1980, p. 5)

Essa indicação de análise que recomenda o afastamento do título, na verdade, não é o caminho que adoto. O cadáver, já no título da obra, fundamenta a interpretação que faço do romance. As memórias da personagem são partes do romance, mas se o leio entendendo que as memórias não são do cadáver bibliotecário, mas sim do que ele representa, o título deixa de ser ilusão ou alusão a outra obra de personagem morto. Quanto ao foco narrativo, o romance não é narrado unicamente pelo cadáver bibliotecário, destaco a avaliação do crítico já mencionado ao tratar do modo narrativo utilizado por Gomes:

Pois no romance há uma multiplicidade de focos narrativos, com variações em cada um deles. O narrador começa demonstrando onisciência, descrevendo o fim de um pesadelo, fazendo emergir recordações recentes, pinçando fragmentos do fluxo da consciência de certo personagem importante [Gregório], acompanhando seu campo visual, Tateando, praticamente com o dedo, suas dores físicas. (SILVA, 1980, p. 5)

Tudo isso elencado pelo crítico também se dá com o cadáver. O cadáver passa por várias situações, primeiro ele é apresentado por olhares externos a ele, começa por piscar os olhos, “um nervo na perna” (p. 20) na questão de um dos alunos, depois esses comentam sobre o “pinto avantajado” em oposição à “cara de palerma” (p. 20).

O cenário do despertar daquele que vive (Gregório) é mais horrendo do que o do despertar do cadáver. As pistas sobre o lodaçal, a gruta e o odor da lama ficarão claras ao longo da obra. O romance começa com o despertar do Vice-Reitor. A diferença é que o Vice-Reitor tem mais autonomia que o cadáver e ao tratar do pesadelo dele a onisciência demarca a narrativa.

Borbulhando, a lama entrou-lhe boca adentro, o nariz invadido pelo gosto podre, de fezes de morto. Na agonia, lançou a mão em direção ao despertador [...]. O lodaçal desapareceu. Mas restou a fisgada na nuca, o nariz congestionado como em todas as manhãs. [...] A sonolência formigava por todo o corpo. [...] o lodaçal no fundo da grota de vinte metros de altura. Sentiu a queda soltar seu corpo no espaço e foi assaltado pelo terror da lama fedendo a defunto. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 7)

O pesadelo de Gregório prenuncia o que ele é enquanto homem, profissional e colega de trabalho, sua sujeira está amarrada à sua fixação por limpeza, mas ela é só externa, portanto só aparente.

Logo depois o próprio cadáver passa pelo seu despertar. E nesse momento ele assume o foco narrativo e o faz em primeira pessoa; está limitado ao seu ponto de vista, limitado ao seu estado de morto.

Primeiro, o teto imundo, coberto de teias de aranha, manchas de infiltração de umidade escurecendo a pintura amarela que despencava em vários lugares. Era uma sala pequena, escura e silenciosa. Lá de fora continuaram a vir os gritos, palavrões e os chutes na bola. [...] Depois adormeci. Ou escapou a consciência. E iniciei um mergulho no líquido no qual boiava. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 39-40)

Mas, antes da minha justificativa, de que não me afastarei do título, apresento um olhar que fundamenta a força da advertência a respeito do título, na assertiva de Silva (1980).

Eis a situação. António Manuel Ferreira (2007), no seu artigo “Uma escrita cadaverosa: memórias póstumas e alegres memórias”, propõe uma leitura da obra de Gomes comparando-a com a obra de Machado de Assis. Tudo indica que o autor do artigo é convencido pelo ilusionismo que em 1980 já fora pautado por Silva. Na análise de Ferreira (2007), além da discordância do gênero — para ele trata-se de uma novela e não de um romance —, há a defesa do defunto-leitor em oposição ao defunto-autor de Machado de Assis. Ao comparar os dois mortos, Ferreira (2007) defende uma similaridade narrativa que, na verdade, faz parte do “ilusionismo” do título destacado por Silva (1980).

Em *Memórias Póstumas*, de Machado de Assis, estamos perante um “defunto autor”; e em *Alegres Memórias*, convivemos com um “defunto-leitor”, que é, simultaneamente, um “defunto-autor” e um “autor-defunto”, porquanto é-lhe atribuída toda a narração de primeira pessoa e, enquanto vivo, havia publicado dois livros de poesia e um de crônicas. Era, de profissão, bibliotecário, e dá-nos, a partir dessa perspectiva profissional, informações interessantes sobre os “ofícios do livro”». (FERREIRA, 2007, p. 148)

A distância entre esses dois mortos foi pontuada no decorrer do romance pelo próprio bibliotecário cadáver. Sim, romance. E um romance sobre a universidade. Certamente não é possível enquadrá-lo na tipologia Lukacsiana, por não se tratar de um romance de busca problemática, feita por um herói problemático, de valores autênticos por meios inautênticos (ou degradados). Essa busca individual é própria do período histórico conhecido como primeira revolução industrial (as empresas industriais e comerciais tinham indivíduos ou famílias como donos ou proprietários), não é a busca em *Alegres memórias de um cadáver*.

Possivelmente seja um romance que mostra conflitos intrainstitucionais ou interinstitucionais. Forma própria ou homóloga do período histórico (ainda não concluído),

conhecido como segunda revolução industrial (as empresas industriais e comerciais passam a ter donos coletivos – sociedades anônimas ou sociedades limitadas). Situação que ajuda a entender a existência de múltiplos roteiros: o de personagens preocupadas com a manutenção e expansão de uma universidade privada (Gregório, Elvira); o de alunos que tentam uma ação política contra o estabelecido; o de professores que se ocupam de si mesmos e pouco com a finalidade institucional da educação superior, inclusive com a atividade da instrução (creio que podem ser “salvos” o padre Nobre e Wladimir, o professor de anatomia); o dos agentes da repressão; o do bibliotecário cadáver, o da universidade diante do uso de ata, convocação, edital, comunicado, estatuto da universidade. A rigorosa crítica que pode ser lida no romance a respeito da universidade repousa na materialidade fantasmagórica do cadáver que aprende a libertar-se de seu corpo preso no laboratório e exerce sua nova condição: a de fantasma.

Desejando que o fantasma do bibliotecário assombre os grandes estacionamentos, vejamos como a relação dele com o Vice-reitor lembra um romance policial. No romance, todo o mistério em relação ao que se passa na universidade com a chegada do cadáver é desconhecido para as personagens. Do professor que contrabandeou o corpo, alunos que o picotam, guarda noturno que atira, direção que recebe ofício do defunto reivindicando ser enterrado como qualquer cristão, até jornais que fazem chacota com as ameaças causadas por um possível ladrão que não rouba nada, todos estão sem saber do que realmente se trata.

Lajolo (2004) não deixa escapar o fato de o romance de Gomes retomar Machado de Assis. A leitura que o romance recebe está em *Como e por que ler o romance brasileiro*:

Numa tradição de poucos romances-de-escola, *As Alegres Memórias de um Cadáver* estabelece um patamar alto. Sua narrativa é ágil, seus diálogos são bem recortados, e são consistentes os múltiplos pontos de vista da narração. [...] Em suas páginas, uma autópsia da universidade na qual nos (des)encontramos com muitos dos que discutem romances e quejandas literatices. [...]

Lido no calor da hora, o romance de Roberto Gomes podia parecer realista, não obstante a pitada de fantástico representada pelo defunto-leitor. (2004, p. 20-21)

No romance, o próprio bibliotecário cadáver, quando sai da sua prisão (o tanque de formol) na calada da noite, faz incursões na biblioteca da universidade que o contrabandeou e dialoga com a obra de Machado de Assis. Em vida foi um leitor voraz e na morte ele questiona se lia para fugir da esposa, Maria, ou para fugir dela e das amigas dela. A mulher sempre renegou suas leituras por não serem de nenhuma utilidade, afinal o chuveiro permanecia sem conserto. Conforme o cadáver, “a lucidez que virou minha vida pelo avesso, denuncia que eu tive dos livros uma visão deformada” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 88). Mesmo que por um momento ele tenha chegado a esse veredicto, ainda na condição de cadáver do falecido bibliotecário, é para a biblioteca que ele se dirige quando consegue mover-se do tanque de formol. Na biblioteca ele se questiona, ler o quê?

Qual a leitura adequada a um cadáver em disponibilidade? Senti-me do outro lado do espelho, convencido de que ali nada havia que pudesse me interessar. O que poderia aguçar ainda mais a dolorida lucidez que me assaltara? [...] queria ler, compulsão que perdurava depois da morte. Percorri as prateleiras já sabendo — como sabia antes — o que ia escolher. Um livro óbvio para um defunto: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Nada original [...] havia lido aquele livro várias vezes, levaria agora uma vantagem sobre Brás Cubas. Ao menos uma. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 88)

Como diz Machado de Assis “o leitor lembra” da dedicatória? Diz ela: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”. O formol impede que o cadáver do bibliotecário tenha suas carnes frias roídas. Mas, pode-se ir além.

Antes da progressão de cadáver para fantasma, duas noites após ter consciência de que era um cadáver, o bibliotecário “passeia pelo templo do saber”, e nessa sua primeira incursão encontra a biblioteca.

Eu estava em casa. Pelo silêncio, pela ordem e ar solene daquelas fileiras de livros que eu observava, julguei que nada se parecia mais com uma saleta de cadáveres do que uma biblioteca. Eu, que passara a vida confinado numa biblioteca, cercado de prateleiras, de livros [...] era o sujeito ideal para terminar boiando num tanque de formol. Pelos ossos do ofício, já estava acostumado àquela modorra, àquela horizontalidade, àquele ar solene de coisa de além túmulo. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 48)

Parece-me terrível essa racionalização comparativa da biblioteca ao tanque de formol. Fileiras de livros “mortos” e que precisam ser dissecados, tal qual o cadáver, para que tenham vida. Afinal, a biblioteca e o corpo sem vida para estudo da anatomia, possuem a mesma função em uma universidade.

Em relação à condição de bibliotecário, o agora cadáver, reavalia:

Vivo, o sentimento mais frequente com relação aos livros era o de uma grande inutilidade. Eu tão inútil quanto os livros. [...] Quem afinal lia aqueles livros?

Saía a percorrer as salas de leitura. Sempre ocupadas por jovens estudantes à caça de informações apressadas sobre um autor ou assunto determinado, encomenda de algum professor impertinente. Ou eram pessoas de idade, que liam de maneira desordenada, vagabunda, talvez aguardando a morte. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 72)

Livros fechados são inúteis em uma biblioteca, são inúteis nas cabeceiras das camas. O cadáver quando se avalia tão inútil quanto os livros representa a universidade sem o uso adequado, não se trata do corpo físico do morto que tem sido estudado nas aulas de anatomia. Trata-se da universidade.

O olhar crítico do bibliotecário cadáver para os modos de leituras chega ao ponto de ele pensar “se não seria o caso de acabar com aqueles livros, fazer uso mais imediato e apropriado daquela papelaria e daquele espaço: transformar o edifício da biblioteca num

amplo estacionamento para carros, descongestionando as ruas.” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 73). Ora, essa manifestação em tudo corrobora a ideia da universidade cadáver e, no caso, ela começa a morrer antes de chegar ao que ela representa. Começa a morrer com os usos não apropriados das bibliotecas. Quando uma biblioteca causaria impacto maior em uma sociedade se funcionasse na condição de estacionamento, isso sugere o estado “estacionado” em que os futuros ingressantes de uma universidade se encontrarão.

Mas o bibliotecário cadáver vai além desse aspecto estacionado do uso que se faz da biblioteca e, após questionar quando a leitura de livros mudou alguma coisa no mundo e se dar conta dos silêncios dos livros, comparar os livros com as coisas mortas, ele conclui: “foi isso que entendi naquela madrugada, pouco antes de o guarda noturno me perseguir aos tiros”. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 73). Essa lucidez que o bibliotecário cadáver adquiriu (na perspectiva dele), é o brinde da morte. Mas um leitor crítico, mesmo tornando-se um defunto, não abandona os seus hábitos.

Ferreira, por sua vez, assim interpreta os usos dos defuntos:

De forma discreta e profundamente eficaz, Roberto Gomes aproveita um dos espaços vazios, ou pouco preenchidos, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e coloca nele um conteúdo novo, que não só dá possível continuidade ao que Machado de Assis deixou propositadamente em aberto, como consegue baralhar-nos as coordenadas temporais, trazendo o século XIX para os braços do século XX, e fazendo vacilar as nossas convicções de evolução sociocultural. (2007, p. 143)

Dizer que Roberto Gomes preencheu os espaços vazios da obra de Machado de Assis é quase como dizer que Machado deixou pronto o primeiro parágrafo do livro de Gomes e esse só deu sequência. Nessas horas prefiro acreditar na falácia de que a obra é um “vingança” (conforme o próprio autor declarou em entrevista) do professor demitido injustamente e correndo risco de ser preso que transforma toda a equipe administrativa e docente em bonequinhos de papel no barco do padre Nobre. Aquele que é demitido de uma universidade fantasma.

Quando comparo Brás Cubas ao cadáver do bibliotecário é possível pensar, tendo em mente a trajetória educacional de cada um deles, um passo adiante pelo caminho da “evolução sociocultural”. Essa leitura é corroborada pela consciência de Brás Cubas, enquanto defunto:

Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado [coisa] alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação...

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1996, p. 55).

Talvez, se Ferreira (2007) tivesse explorado a ligação dos dois falecidos com a Universidade, sua crítica teria maior relevância. No meu caso, faço uso dessa “brecha” de Ferreira (2007) para tentar ir além. Não ao além.

A título de curiosidade e, para matizar a história desses dois defuntos, de forma específica, é bom esclarecer que o diálogo que faço se apresenta como fio condutor das possibilidades de compreensão das diferenças dos mortos. Primeiro, o bibliotecário cadáver não possui nome e o fato de me referir a ele como bibliotecário cadáver não é nenhuma alusão ao Brás Cubas. Longe disso. Parece-me ser Brás Cubas o exemplo do que o Reitor (da vaga e do ar-condicionado) qualifica como o aluno despreparado para ser universitário:

A Universidade esperava-me com as suas matérias áruas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, — principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver, — de prolongar a Universidade pela vida adiante... (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1996, p. 50-51)

Com a confissão de Brás Cubas estabelece-se uma distância intelectual honrosa para o bibliotecário cadáver.

Volto ao título do romance: *Alegres memórias de um cadáver*. Dizia eu que vou pelo caminho do “ilusionismo” apontado por Silva (1980). Faço esse percurso por defender que o título remete primeiro a uma contradição quando apresenta o adjetivo alegre e cadáver para uma memória. Alegre é condição de algo vivo, sendo assim, a leitura que faço remete às antigas memórias do que era a universidade antes de ser edificada no lodaçal, antes de ser instrumento de poder nas mãos de Gregório e Elvira, antes de estar no formol, antes da ditadura militar. A alegria é associada às memórias de uma universidade, nela causa alegria o fato de haver aqueles que leem, estudam, produzem conferências para alunos e demais interessados, ou seja, a universidade para produção de conhecimento a ser socializado e não apenas a universidade para aqueles que a pagam, ou aqueles que mal se movem por ela. Agora só restam memórias dessas alegrias, agora ela é um cadáver e, tal qual o cadáver serve na aula de anatomia, serve também na construção do foco narrativo.

Na medida em que interpreto o cadáver como alegoria da instituição, o fato de estar conservado no formol, também simboliza a universidade. Não existe vida nela no sentido para o qual foi criada; a universidade tem uma função, mas não é a função para a qual foi concebida. Independente do que está no papel, tal qual a liberação do corpo do bibliotecário para o HC e que foi contrabandeado para a universidade privada, assim também funcionam

as liberações para a existência da universidade. O isolamento do bibliotecário cadáver pode espelhar o isolamento do padre Nobre, único que, produzindo cenas com os bonequinhos reprimidos pela ditadura militar, demonstrava consciência do significado dos acontecimentos na universidade. O cadáver ainda remete ao ato de dar alguma função para algo que efetivamente não tem mais a função para o qual foi concebido, trata-se de um aproveitamento, de um uso construído *a posteriori*.

As diferentes formas de abordagens usadas por Gomes (2004) estão inseridas no dia a dia de qualquer universidade: conversas de alunos, reuniões, editais, memorandos, mural de recados, DCE, biblioteca, laboratório, campo de futebol, banheiros rabiscados com “putarias”, professores invejosos, professores que perseguem alunas, diretorias que tratam as universidades como se fossem suas propriedades, ou como se fosse extensão do próprio quintal. Parece claro que a alegria dessas memórias tem um componente de idealização romântica que se pode atribuir ao autor implícito. Mesmo assim, esta oposição entre alegria e a morte, não pode ser ignorada porque ela estrutura o romance.

De modo similar à forma como partes diferentes do corpo do cadáver são usadas nas avaliações do professor Wladimir, diferentes ângulos são adotados na construção do foco narrativo. Essas peças do cadáver objetos de avaliações para testar os conhecimentos dos alunos após serem “espetadas” pelo professor Wladimir, também serão fatiadas nas escolhas do autor para apresentar o todo, o romance. Não se trata, claro, de lermos o romance pelo olhar do cadáver, mas lê-lo enquanto possibilidade de fatiamento do olhar que é lançado ao bibliotecário cadáver enquanto objeto de estudo. Fatias de universidade é o que a fragmentação do foco narrativo constitui.

Ao contrário das objeções que faço a interpretação de Ferreira (2007), é importante reconhecer que a análise de Silva (1980) em “Um romance sobre a Universidade” é absolutamente consistente. Sua observação da necessidade de nos distanciarmos do título do romance é muito convincente ao lermos o cadáver literalmente. Minha leitura, porém, é alegórica. O romance, com toda a sua fragmentação narrativa, é a construção das memórias da universidade-cadáver. O supernarrador adota a perspectiva da própria universidade como a sua focalização narrativa. O romance constitui as memórias de uma universidade morta.

Sim, interpreto o bibliotecário cadáver e a universidade como alegoria um do outro. Preciso, apesar de ter informado o resultado, apresentar meu caminho percorrido. O primeiro passo foram as inúmeras leituras da obra. Fato esse que não só é obrigatório a quem quer afirmar alguma coisa, como foi orientação em *Os Bárbaros Submetidos*:

Quem lê [...] *Alegres memórias de um cadáver*, se impressiona com, à primeira vista, a inorganicidade do texto. Vamos lendo o livro e sentimos uma espécie de combinação fragmentária. Somente outras leituras, seguidas de análises mais atenta, desfazem essa ilusão de superfície e nos levam a descobrir os fios que interligam partes, o fator determinante da composição em mosaico, a razão da montagem. Esse contraste entre aparência e a constituição íntima, que corresponde, no plano da leitura, ao contraste entre a impressão de fragmentariedade e a percepção de uma unidade

estrutural, fica evidente se estudamos a estruturação figurativa ou o estilo. (SILVA, 2006, p. 117)

Tal qual o cadáver novo usado na aula de anatomia, o romance está inteiro e por isso nosso acesso a ele é na totalidade. No momento seguinte a essa impressão de totalidade, o que Silva (2006) chama de inorganicidade, precisa ser montado enquanto quebra cabeça. A organização de fato só se completa nas últimas páginas. Quando uma das personagens — o defunto —, em diálogo com o Vice-reitor, apresenta sua insatisfação com o papel que cabe a ele:

— Mas eu não quero mais servir de cadáver. Chega de formol. Chega de ser retalhado. Chega de ser envolvido em confusões. Quero ser enterrado. É um direito de qualquer cristão.

— Para ser cristão é preciso estar vivo. O senhor é apenas **um cadáver da universidade**. [diz o vice-reitor, professor Gregório]

— Ou **o cadáver da universidade**. [...] (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 156 — destaques meus)

Quem foi esse cadáver antes de tornar-se o cadáver da universidade? Muito diferente de Brás Cubas o defunto atual foi bibliotecário, leitor voraz e autor de dois livros. Seu compromisso com a ciência era de esperança, fato que o faz doar-se em vida para objeto de pesquisa. Será na condição de morto que descobrirá ter sido contrabandeado para uma instituição privada.

Com a morte do homem que agora é o cadáver, primeiro morreu o leitor, depois o escritor representado por ele; morrendo a ideia desses, simbolicamente morre a função da Universidade. Se essa não possui leitores críticos, autores/pesquisadores críticos, nada mais é que um edifício sem função.

[...] eles me trouxeram para cá, no contrabando de cadáveres que faz o professor Wladimir. [...]

Doei meu corpo ao Hospital das Clínicas e não à universidade — no que vejo um ato de sabedoria, talvez o único que pratiquei em vida. Mas que posso fazer para revogar uma decisão tomada enquanto vivo? De certa forma, essa é outra diferença radical entre eu e os vivos: já não posso revogar meus atos. A morte, descubro agora, não acaba com a vida, nosso temor constante. A morte apenas define a vida. A mim coube ser definido como cadáver. O cadáver da universidade. Nada posso fazer.

Ou posso? (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 112-113)

“Doei meu corpo ao Hospital das Clínicas e não à universidade”. Conforme a doação, o corpo estava destinado a uso no ensino público no hospital da Universidade Federal do Paraná, não na universidade privada. Quando o corpo do bibliotecário é contrabandeado o ato de sabedoria passa a ser o reconhecimento de agora representar o cadáver de uma universidade privada, o que ela é em comparação ao Hospital das Clínicas.

Se aqui jaz a universidade, ou se seus muros ainda estão de pé, se seus alunos ainda

não desertaram, se seus professores ainda aparecem para vistoriar o escaninho, é preciso analisar os motivos de usualmente estarem perambulando por corredores e departamentos e salas de professores e salas de reuniões, sem desempenharem suas funções sociais, sem fazerem da universidade um lugar democrático, um lugar de debates — um lugar vivo. A concretude da denúncia crítica permaneceria inacessível sem a moldura do fantasma. A forma desse romance é homóloga à realidade da instituição existente na sociedade pós-moderna e essa instituição é a universidade.

Retomo a questão dos focos narrativos na perspectiva do crítico em “Um romance sobre a Universidade”:

Outra modalidade de foco narrativo interno concilia a apresentação objetiva (comum quando o ponto de vista é externo) com a fala direta dos personagens, sem a medição explícita da narração externa, na falta de melhor denominação, vamos chamar esta modalidade de focalização dramática. Transparece claramente no uso dos registros dialógicos que o autor intitulou, muito apropriadamente, de "Conversação" (I, II e III), principalmente a "Conversação II", onde não temos a intromissão final do narrador externo. Finalmente, há as transcrições de escrita, como depoimentos, atas, editais, artigos, comunicados, às vezes sob a forma de enclave.

Ora, essa variedade de focos de narração (portanto, de "narradores") tem como consequência, no percurso da leitura, provocar a impressão de fragmentariedade do texto, portanto, de inorganicidade do romance. [...] isto é, a fragmentação aparente no plano da enunciação forma-se como figura da aparente fragmentariedade do mundo referido. (SILVA, 1980, p. 5)

Essa fragmentariedade do texto comunga com a fragmentariedade das partes do cadáver. Esse não é dissecado por tratar-se de um cadáver novo, mas seu valor é construído na aula de anatomia na condição de “peça” de estudo.

O interessante dessas memórias é que em toda a narrativa elas aparecem no presente. E quando o cadáver recorda do seu passado, a narrativa prende-se ao momento em que ele descobriu que estava muito doente e que nada poderia fazer por ter um câncer agressivo e sem cura. A doença pode ser lida como metáfora das situações universitárias que levam à morte. Na universidade do bibliotecário cadáver, o ensino, a pesquisa e a extensão precisam andar de acordo com a programação de Elvira, a segunda na ordem do poder. Na cabeça dessa mulher tudo seria muito simples:

Era só os professores e alunos se enquadrarem nas linhas básicas de seus projetos para que as coisas viessem a ser cristalinas como água. Exatas como um traço à régua. Irritava-se, então, com a longa série de reuniões, de explicações, de debates. Se queriam outra universidade, saíssem a sua procura. Aquela seria assim, segundo seus planos. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 102-103)

Concentra-se nas mãos do corpo administrativo o exercício do poder na universidade. O eleito para ser o gestor real não sabe o que está gerindo, os escalões mais baixos estão com as rédeas nas mãos.

Enquanto os estudantes de *Alegres memórias de um cadáver* precisam encontrar um

colega desaparecido misteriosamente, ao mesmo tempo querem distância da direção da Universidade, defendem liberdade para os colegas presos e lamentam a falta de organização dos próprios colegas:

— Como é que a gente vai agir sem mobilização de base? Quantos caras assinariam o manifesto? Quantos aguentariam o tranco de uma greve?

— Sei lá. Só fazendo pra saber.

— Depois não reclama do porrete feliz.

— Tá bom. Então a gente senta aqui e não faz porra nenhuma.

— Senta não, cara. Te levanta que lá vem o reitor. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 100)

Infelizmente, a falta de organização dos estudantes ainda não é o maior dos problemas deles, precisam superar uma guerra de egos dos representantes administrativos da universidade, uma disputa pelo poder.

Gregório, o Vice-reitor, não parece disposto a deixar que parem dúvidas sobre a sua capacidade de vigilância de cada detalhe, seja do banheiro limpo, dos recados no mural, do papel permitido ao Reitor desempenhar, dos bonecos de papel do padre Nobre, da eficiência de Elvira. Mas enquanto ignorava a veracidade do ofício enviado pelo cadáver, não era possível a ele controlar o desconhecido, mesmo quando buscava controlar os rumores sobre o desconhecido. Das suas relações agressivas com mulheres que ele caça nas ruas, às suas relações com o corpo docente, tudo passa pelo poder, pelo controle. Dos professores o único que Gregório acredita não ser manipulável é o padre Nobre, ele será demitido, com base na explicação de Elvira: “a urgência de medidas concretas que levava a direção da universidade a demitir alguns professores que estavam compactuando com o movimento estudantil” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 136).

O papel desempenhado por esse padre, negro, é bastante intrigante. Enquanto Gregório o tem na conta dos não manipuláveis, Elvira sente ódio por ele. Elvira e Gregório sabem que precisam ficar unidos para continuarem no poder; padre Nobre só é a figura ameaçadora, provavelmente por ser o único participante das reuniões da direção que destoa dos demais. Enquanto todos, inclusive o Reitor, aguardam Gregório para iniciar a reunião, Elvira o julga, enquanto padre Nobre permanece entretido

com uns pedacinhos de papel, alheio a tudo, assim continuaria durante toda a reunião, até que começasse a falar com sua voz arrastada, mole, atrapalhando a sequência dos trabalhos com suas ideias a respeito de um Cristianismo pseudo avançado, sem a menor noção das coisas concretas e reais, como a ficha que criara para o registro de alunos. Elvira **gostaria de ver um destes teóricos sonhadores da educação socialista assumir os encargos administrativos de uma universidade**. Seria o caos. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 27 — destaque meu)

Mas, importam agora os pedacinhos de papel de padre Nobre: esses ganham formas e expressam ações. Nessa mesma reunião ele lidava com “um boneco que estava de joelhos,

as mãos na cabeça” (p. 29).

Os bonecos de papel de padre Nobre estavam todos a postos. Dois dentro do barco — um na proa, a longa capa de papel laminado, o braço erguido; outro, com as mãos na cabeça, pendia para a frente, quase caindo. Outros bonecos estavam ao lado do barco — sentados, deitados, de cócoras — sem que padre Nobre conseguisse descobrir quem eram e o que deveriam fazer. Amigos ou inimigos? Agentes provocadores? Guerrilheiros camuflados? Velhos aposentados conversando numa esquina? (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 64)

As posturas dos bonecos fabricados pelo padre Nobre estão presentes em vários momentos da obra de Gomes (2004). Antes que o padre conseguisse responder quem estava a postos no barco, foi interrompido pela professora Norma, chefe do departamento de psicologia. A rendição desse boneco e de outros vão tomando conta das percepções do padre Nobre:

— boneco teimoso, seu, fica de pé, rapaz — [...] Alheio a tudo, padre Nobre pôs afinal em equilíbrio o quinto boneco, os dois braços levantados sobre a cabeça.

[...] padre Nobre, que soprava — encantado — o barco de papel. **A nau dos insensatos**⁸ fazia círculos à sua frente (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 54-55 — destaque meu)

Na universidade de *Alegres Memórias de um Cadáver* é plena ditadura militar e um “colegiado” está reunido discutindo se os alunos possuem ou não direito de fazer política estudantil e, a professora Norma⁹, segue questionando a própria ideia de política estudantil por julgar que alunos com notas ruins não apresentam condições de fazer política; ela ainda relaciona a existência de uma chapa de oposição às eleições do DCE à existência do fantasma. Na sequência cria mecanismos de controle coercitivo para que as chapas possam fazer inscrição (mensalidades quitadas e atestado de bons antecedentes) e padre Nobre

⁸ Não há como não abrir um parêntese nesse momento para comentar a imagem utilizada nessa passagem, que associa os barquinhos de papel do Padre Nobre com a *Nau dos Insensatos*. Trata-se de uma alegoria muito antiga na tradição ocidental, que remonta à Idade Média, constituída de um barco tripulado por loucos que não sabem para onde vão. Por volta de 1500, o pintor holandês Hieronymus Bosch registrou em tela sua visão desta imagem alegórica. No entanto, a referência imediata de Roberto Gomes parece ter sido *A nau dos insensatos* (1494), de Sebastian Brant (1457-1521).

Trata-se de um longo poema satírico, de perspectiva moralizante, em que o autor aponta com dedo crítico e irônico para a sociedade de seu tempo, denunciando as falhas e vícios tanto da nobreza quanto do vulgo, não poupando Igreja, Justiça, universidades e outras instituições. Em 112 capítulos, cada qual dedicado a um tipo de insensato ou louco, Brant censura os excessos e o desleixo, a avidez por dinheiro e a falta de escrúpulos, a perda da fé e o desinteresse pelo cultivo do intelecto. Em contraste com os sábios e prudentes, os insensatos desfilam pelas páginas do texto deixando evidente sua arrogância, grosseria, leviandade, indolência, gula, mentira, violência... Enfim, sua falta de juízo e ponderação (VOLOBUEF, 2010, p. 13).

Volobuef parece introduzir alguns pontos do romance de Gomes, ainda que se aplique, a obra em questão é *A nau dos insensatos*.

⁹ Na concepção de Miguel Reale, “a palavra norma, que nos lembra incontinenti aquilo que é normal, traduz a precisão de um comportamento que, à luz da escala de valores dominante numa sociedade, deve ser normalmente esperado ou querido como comportamento normal de seus membros”. (1977, p. 36 – grifos do autor). Fonte: REALE, Miguel. *Lições Preliminares de Direito*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1977.

entrega sua análise de conjuntura: “a nau dos insensatos fazia círculos à sua frente”.

Retomo a António Manuel Ferreira em “Uma escrita cadaverosa: memórias póstumas e alegres memórias”, particularmente nesse fragmento, a meu ver um tanto enviesado:

A universidade representada no livro de Roberto Gomes é, portanto, um microcosmo especular do macrocosmo político-social. Tudo, em micro e macro, tem o cheiro podre da morte.

Ah, calma, mas existem os estudantes revoltados, com cabelos compridos, roupas deselegantes, sexo libertário, e uma confiança encantadoramente ingénuas nos “amanhãs que cantam». **São estudantes espancados, desaparecidos, lutadores e também desistentes antecipados. Muitos deles estarão hoje no poder, como ministros de um presidente-operário muito interessado em não regressar ao seio do povo, e como eminências pardas da intelectualidade brasileira alapada no conforto dos privilégios.**

Mas não sejamos injustos. Roberto Gomes não nos dá, neste livro, pistas muito sólidas para um retrato ulterior de uma geração revolucionária. (2007, 151 — destaque meu)

O fragmento acima parece confundir outra obra de Roberto Gomes com *Alegres Memórias de um Cadáver*. Não consta nas referências do artigo de António Manuel Ferreira nenhuma menção a outra obra, a saber, o romance *Antes que o teto desabe* (1981), mas nela um grupo de estudantes secundários parece corresponder a essa descrição estereotipada. Não é, a meu ver, só esse o enviesamento da leitura de Ferreira (2007). No momento em que ele faz uso de uma obra publicada durante a Ditadura Militar para especular, negativamente, um governo operário, está, na minha leitura, inferindo e projetando anacronicamente. Ainda que *Alegres Memórias de um Cadáver* pautasse esse viés de leitura a respeito do “presidente-operário”, seria preciso que o conteúdo literário da obra fosse analisado dentro do processo literário.

A ironia com que Ferreira (2007) trata os estudantes é carregada de um tom pejorativo. É claro que algumas especulações levam a bons resultados, mas quando uma especulação como a destacada sobre a leitura de Ferreira (2007) soa com um certo tom acusativo e, nesse caso, por estar mal referendado pela obra analisada, causa um desconforto científico. Por falar em científico, o crítico provoca:

Aparentemente, pode parecer isto estranho, numa universidade, mas só aparentemente, quando descobrimos que o professor mais mitificado pela sua produção científica — o Padre Pedro, “conhecedor profundo da história da arte sacra»” e que “defendeu tese na Gregoriana, obtendo nota *maxima cum laude*», quase nunca abria a boca, o que era uma “demonstração de grande talento e saber»”; e, além disso, nunca mostrou a “ninguém uma linha sequer do que escreveu na sua tese”». Mas tinha a inteira confiança do reitor, e não era necessária mais nenhuma garantia científico pedagógica. (FERREIRA, 2007, p. 147-148)

O Reitor é um figura que aparenta possuir uma formação tradicional, um conhecedor da literatura clássica. Porém, na universidade do Vice-reitor, o Reitor controla o ar

condicionado e sua vaga cativa no estacionamento, não consegue sequer produzir uma revista recomendada no Brasil e sonha com uma produção lida por toda a elite universitária mundo afora. Ter o respeito do Reitor é como não ter nada. Não faz diferença. E o padre Pedro está na universidade para atender à demanda do Bispo, o que desgosta, e muito, o Vice-reitor. Se os comentários dos alunos procedem, o Reitor só é autoridade para pedir o chinelo em casa e obrigar os filhos a pedirem a benção.

Garantia científico pedagógica talvez tivessem os que foram expulsos ou demitidos, os que lá ficaram são incapazes de dialogar sobre qualquer assunto acadêmico durante as reuniões, sabem apenas levantar suspeitas da vida alheia ou exibirem suas propriedades bancadas pelos maridos ricos, lamentar o fato de não fazer parte da coluna social e por aí afora.

Na análise das personagens que exercem a docência, Ferreira pontua:

O professor Lineu, por exemplo, “boa gente e moderninho”», só estava “interessado em comer as alunas”, e, só para dar mais um exemplo esclarecedor, Stela Maris, a professora de Sociologia, gastava as energias intelectuais no arranjo do cabelo e na escolha das roupas caras e estrangeiras, gostando, além disso, de durante as reuniões científicas, falar interminavelmente de praias, quarto de hóspedes destinado ao primeiro incauto, mesmo sendo padre; e do marido, homem de negócios, em viagem profissional pelos Estados Unidos. **O estereótipo mais acabado do país do sexo compulsivo e da superficialidade intelectual, lemas máximos de uma estratégia de sobrevivência que, quer queiramos, quer não, tem dado resultados, tanto para o bem como para o mal.** (2007, p. 148 — destaque meu)

Robledo, Loredano, Lineu, Acácio, Stela Maris, padre Nobre, padre Pedro, Norma, Alarico, Raul, Gregório, o Reitor e Elvira são presenças confirmadas nas reuniões; por essa razão estão mais expostos nas suas idiossincrasias. É certo que são estereótipos, mas basta participar de algumas reuniões de colegiado, frequentar reuniões da Congregação ou participar do Conselho Universitário para que todos esses clichês sejam encontrados. No entanto, a agudeza, lançada por Ferreira (2007) para situar Stela Maris é desproporcional se o intuito é discutir a garantia científico pedagógica dos professores citados. Ele se deteve nas questões pessoais da vida que ela diz levar, lançou um julgamento sobre essas vivências, quando o seu assunto anunciado era tratar da “garantia científico pedagógica” dos professores citados.

Não defendo a garantia científico pedagógica de nenhum dos professores, as reuniões eram sem propósito e a palavra era majoritariamente de Gregório e Elvira. Fato tão concreto que causou estranheza a Stela Maris, chegando a pensar que o padre Nobre era maluco, quando este levantou-se para opinar sobre a presença do cadáver (este fora acusado de subversivo por Lineu) na universidade. Diz padre Nobre:

— Eu me pergunto o seguinte — juntou a ponta dos dedos — Por que, ao invés de supor a existência de fantasmas, de subversão, de marcianos, não imaginamos um simples mendigo à procura de um canto para dormir? Alguém em busca de comida. Um ladrão.

Elvira estrangulou o maço de cigarrilhas e rosou:

- Um simples ladrão não continua vivo depois de cinco tiros.
- Um subversivo também não, disse o padre.

A imensa figura negra tornou a sentar-se, reuniu os bonecos de papel mais próximos uns dos outros e comentou:

- Nesse caso, só nos resta uma conclusão: foi um fantasma. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 68)

E segue a Nau do padre Nobre, com Elvira embarcada; afinal, incendiar os bonecos não deu muito certo (p. 81). Ou *A Balsa da Medusa*, nunca se sabe.

Nessa instituição em que Elvira “era um soldado empunhando suas armas” (p. 133), enfim “a universidade se convertera num caso de polícia” (p. 136), nela os estudantes estão prostrados, encurralados. Na visão de Gregório os alunos:

Andam lentamente, os braços caídos, quase com displicência. Mas é como se obedecessem, pensou, a um plano milimetricamente traçado. Quando atingem o centro do pátio, dois outros grupos de alunos se materializam no meio do campo de futebol — cada grupo formado por quatro estudantes. Os grupos vão se multiplicando [...] uma banqueta, dessas utilizadas nas aulas práticas nos laboratórios. A banqueta vem passando de mão em mão — todos gritam: Ôôôô!Ôôôô! dando risadas [...] Silêncio. [...] Companheiros. [...] Estamos em greve a partir deste momento e só voltaremos às aulas se a reitoria providenciar junto às autoridades policiais a libertação imediata de nossos colegas presos nesta manhã (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 139-140)

Ao término do romance os alunos estão organizados, unidos e o momento parece-me uma encenação aos modos do teatro invisível. A reunião dos alunos simboliza uma homenagem aos que não estão presentes. O modo escolhido para andar, a posição dos braços, os grupos que se multiplicam.

Estavam presos Júlio, Aquiles, Cecília, Paulão, Dirce. Felipe estava sumido. Todos esses compunham a chapa de oposição ao DCE. Também o professor Wladimir, considerado pelos alunos “o maior reacionário”, havia sido conduzido coercitivamente do seu trabalho no Hospital das Clínicas, durante uma cirurgia, para prestar depoimento. O diretório fora vasculhado pelos policiais em busca de material subversivo. Na sala dos cadáveres dois livros foram considerados “coisas surpreendentes”. O primeiro é *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, o segundo, *A Morte de Ivan Ilich*. Diante das leituras escolhidas pelo bibliotecário cadáver o comissário da polícia investigativa demonstrou aversão por Leon Tolstói.

Talvez o bibliotecário fosse o único leitor na universidade e não passava de um cadáver. O Reitor, que acreditava que os EUA eram mais estudiosos da história do Brasil do que a “terra amada”, também acreditava que alunos das universidades brasileiras não estavam preparados para serem universitários. Deveria ser preocupante um Reitor proferir tal sentença a respeito dos alunos de uma instituição de ensino superior: “não estão preparados para ser universitários”. Aparentemente ele esquece que algum dia foi aluno e esquece, ainda, que a função do professor é fazer a ponte entre o saber e o não saber. Mas,

além da vaga no estacionamento e do ar condicionado, o Reitor estava empenhado na produção de uma revista da universidade. Não havia consenso quanto à temática da revista, nem sequer o nome estava escolhido. As sugestões partiam dos professores e cada um deles procura nomear conforme sua área de pesquisa. *Simposium? Enteléquia? Logos Espermaticós? Brasil Pensador? Araucária Angustifolia? Investigações Universitárias? Parâmetros Racionais e Científicos? Espírito?*

Os inúmeros títulos sugeridos para a revista internacional demonstram a incapacidade de todos de produzirem alguma coisa. As desculpas dadas na reunião deixam claro essa formação precária: “falta de tempo, necessidade de maior investigação, medo de revelar o tema sobre o qual prometiam escrever uma tese” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 34). Essa universidade não é capaz de manter o tripé: ensino, pesquisa e extensão. E o projeto do novo estatuto da universidade aponta para uma “Estrutura orgânica baseada na autonomia dos departamentos; integração das funções de ensino e pesquisa; racionalização da organização; utilização plena dos recursos materiais e humanos; integração empresa-escola; universalidade de campo e flexibilidade de métodos e meios” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 32).

Padre Nobre foi consultado pela décima vez a participar e se dispôs a escrever sobre “religiosidade popular que acompanha certos movimentos rurais” (p. 35). O Reitor logo questiona: “nada que comprometa, não é?” e segue afirmando tratar-se de uma instituição educacional e que por isso a publicação é oficial e deve ser apolítica. Quando na verdade a palavra que buscava era “científica”. A ideia da revista não prospera, mas as ações do Vice-reitor sim, e o Reitor é “demitido cerimoniosamente”, passando de Reitor — situação bastante comum aos ex-reitores —, para “professor emérito e conferencista” (p. 159).

Com essa demissão o corpo administrativo continua a gerir, ou seja, a reitoria continuará vaga até que apareça alguém que atenda ao perfil exigido pelo Vice-reitor: alguém que seja subordinado a ele. Um RDEO — “Reitores Disponíveis e Obedientes” (p. 93).

Antes de o Reitor ser descartado para tornar-se conferencista, o bibliotecário cadáver, talvez por se sentir um tanto mais qualificado que ele, expôs o desejo de ser conferencista.

Sou mais ou menos como aqueles personagens de anedota isolados numa ilha deserta. Personagem óbvio, gostaria tão só de dispor de alguns livros que aprecio para passar o tempo. Se me deixassem aqui, quieto, a ler meus livros, não iria incomodar a ninguém. Me converteria numa espécie de memória da universidade — lendo, estudando, saindo e entrando no tanque de formol. Poderia até fazer uma ou duas conferências por semestre para alunos e demais interessados. Enfim, pacífico e inofensivo. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 110)

Ah, os usos corruptos. Um cadáver que deveria estar no Hospital das Clínicas, um terreno que foi doado para ser um cemitério e que após algumas politicagens acaba sendo usado para construção dos edifícios da universidade privada. A ligação com a morte e com a corrupção está bem alicerçada no terreno pantanoso, fétido.

O reitor sentiu na boca do estômago o mesmo bolo efervescente de sempre. E se houvesse naquilo algo de verdade? Não insinuara esta possibilidade a ninguém, temendo passar vergonha. Mas sabia que aquele terreno onde estava o campus da universidade havia sido doado à prefeitura por um antigo fazendeiro que pretendia ver ali construído um cemitério. [...] o fazendeiro se convertera — ajudado por uma missão jesuítica, [...] — e desejava ser enterrado ali. Mas morrera afogado, seu corpo nunca mais foi encontrado [...] E o cemitério não fora construído. Trinta anos depois, o terreno passara à universidade por doação — depois de manobras arquitetadas por Gregório, usando de recursos bem pouco honestos. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 119)

A missão jesuítica segue lapidando “devassidão e violência”. Os pedidos feitos em vida seguem desonrados após a morte. Mas esse terreno prometido para assegurar o último “descanso” aos mortos, ironicamente torna-se outro tipo de cemitério: da ética, da discussão política, das ideias socialistas, das pesquisas sérias, das parcerias com a comunidade, do envolvimento entre universidade e movimentos sociais etc. Enfim, acerta o jornalista que publicou a matéria: “Templo do saber ou Túmulo de Ramsés III?” ao tratar do cadáver perambulando na calada da noite.

[...] Os alunos riem. Os professores, como costumam fazer os professores, fazem de conta que não sabem de nada.

E a dúvida continua pairando no ar. Todos se perguntam: de Templo do Saber a Universidade terá se transformado em refúgio de alguma múmia extraviada? Há quem diga, inclusive, que age com tino essa múmia, pois refúgio mais adequado não poderia encontrar. A múmia só estaria errada se pretendesse assombrar. Para tal fim já existem outras pessoas naquela vetusta instituição de ensino. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 53)

Tudo aponta para uma leitura alegórica. Tudo sugere sua redução a pó; sua nulidade; a inutilidade do que ali se ensina. Não é a múmia que assombra, mas as pessoas que lá trabalham. E os alunos riem. A realidade é que todos “sabiam que na imprensa local muita gente não simpatizava com a universidade. Os grupos de sempre de olho na arrecadação que a universidade obtém com serviços prestados desinteressadamente à comunidade” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 52). Tão desinteressadamente que o resultado final chama-se arrecadação e causa “inimizades” políticas.

De que riem os alunos? São meros fantoches pagantes? Números para as tabelas de Elvira? Gráficos que apontavam “o número de alunos desistentes, a média de alunos por sala, o preço de custo de uma aula em cada um dos cursos, a oscilação das matrículas, o gasto das verbas”? (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 9). São incapazes de ser universitários mas estão lá por dar conta de pagar as mensalidades? Criaturas fáceis de ser corrompidas? Apenas números?

Tudo indica que são números, mas não apenas. Por exemplo, a configuração da sala remete aos móveis que lá estão para depois aparecer quem faz uso delas: “as trinta mesas com tampo de mármore [...] costumam estar cercadas por alunos” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 18). Logo depois, “em torno das trinta mesas, nos dias de prova, os alunos se dispõem em fila indiana” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 19). Outro caso

remete ao fato de as ações políticas estudantis contrárias às ações acordadas entre o atual DCE e a direção, são atribuídas a manipulações de professores. Sendo o padre Nobre um dos mais suspeitos. Isso porque fazia cinco anos que apenas a chapa da situação se inscrevia para disputar o DCE. Vejamos como Elvira situa os colegas durante uma das reuniões:

Se considerarmos que está havendo um movimento para a apresentação de uma chapa contestatória às eleições do diretório estudantil, poderemos entender o que está acontecendo. Existem pessoas interessadas em que outras universidades prestem serviços que estão a nosso cargo. Existem agitadores profissionais — um exemplo, e não é o único, é esse aluno chamado Felipe — que se aproveitam de situações desse tipo. Juntando tudo isso, creio que devemos admitir, para início de conversa, o seguinte: trata-se de uma questão essencialmente política. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 67)

Pensando nos dias de hoje, Elvira era uma espécie de juíza que condena porque “a literatura assim permite”. No romance, fica claro que Elvira tinha uma opinião formada sobre cada um dos seus colegas, professores ou direção. Também emitia juízo de valor sobre alunos, dando a entender que os conhecia e muito bem. Defende com garras a direção e sabe que o único ponto fora da curva é Gregório, a esse ela se junta e juntos são os representantes da instituição enquanto capital. Enquanto isso, o universitário Felipe estava sumido quando acontece a reunião em que Elvira o chama de estudante profissional. Mas Elvira cria regras para que ele seja excluído da chapa de oposição: quitação com a tesouraria e atestado de bons antecedentes. Os alunos, por outro lado, acreditam que Felipe “está fora da chapa só porque quebrou o nariz da estátua do reitor há não sei quantos anos¹⁰” (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 98).

Tudo indica que a ausência do Felipe faz diferença para a chapa de oposição. Isso por conta de as referências a ele demonstrarem que é o aluno que tem melhor preparo¹¹

¹⁰ “Em 1968, na UFPR, um busto de reitor logrou destino semelhante. “O campus da Reitoria, localizado na região central de Curitiba, entre as ruas XV de Novembro, Dr. Faivre, Amintas de Barros e General Carneiro foi palco de diversos episódios de atos de repúdio à ditadura, sendo o mais memorável, a ocupação do local em 14 de maio de 1968 com a derrubada do busto do Reitor em ato de protesto, que conforme explanado anteriormente, fazia parte da movimentação estudantil contra a implementação do ensino pago na Universidade. Os estudantes que haviam sido presos pela manifestação no Centro Politécnico perceberam que a Polícia Militar concentrava suas forças neste câmpus, sendo assim, Stênio Sales Jacob relata que a Reitoria estaria livre para uma ocupação, cujas manobras iniciaram tão logo ocorreu a soltura dos estudantes”. Disponível em: <<https://ditaduraemcuritiba.com.br/reitoria-da-ufpr/>>. Consultado em: 12 nov 2018 — destaque meu.

Em 2014 o busto do Reitor Flavio Suplicy de Lacerda será novamente um palco no chão.

Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalfpr/noticias/nota-oficial-sobre-busto-do-reitor-flavio-suplicy-de-lacerda/>>. Consultado em 12 nov 2018.

¹¹ Nas palavras de Jordana de Souza Santos, em “A Repressão ao Movimento Estudantil na Ditadura Militar”:

A década de 1970 apresenta-se como um período de revisão e de recuperação para o ME e para a esquerda brasileira. A tentativa de luta armada mostrou-se frágil, pois além da repressão nestes anos ter sido mais intensa, havia ainda um despreparo dos militantes para desenvolver tal forma de conflito. **Despreparo devido ao caráter pequeno-burguês dos militantes e devido à transposição de modelos revolucionários sem uma análise prévia e profunda da situação brasileira.** Nos anos 70, a luta pelas liberdades democráticas e pela anistia estava em primeiro plano. E permaneceu assim até o começo dos anos 80. (2009, p. 102 — destaque meu)

político. A chapa, ainda sem ele, mantém-se na eleição para o diretório. No capítulo destacado por Silva (1980), “Conversação II”, alunos conversam sobre lançar um manifesto, quando passam a falar das perseguições sofridas por Felipe e pelo professor Maurício, que fora demitido após uma conferência. Alegam que não terão tempo nem sequer de entregar o manifesto, tamanha repressão no campus.

As transposições de modelos revolucionários que não deram certo na organização desses alunos remete ao bibliotecário cadáver que lamentou o nível de leitura dos jovens da época e o interesse pelo resultado, de preferência que fosse fácil. A condição pequeno burguesa não se confirma apenas por serem pagantes. Felipe e Toninho são dois dos alunos, por exemplo, que poderiam receber um telefonema em suas casas. O sistema de telefonia na década de 70 era inacessível ao proletariado. Outro fato que demonstra que esses alunos *tinham berço* é a opinião da imprensa após a entrada da polícia e prisão de muitos alunos, a interferência na soltura por conta da repercussão negativa — telefonema do governador, telex do ministro.

Nos diálogos elencados na Conversação II a natureza da repressão e o despreparo dos alunos, como a falta de unidade combativa está muito bem demarcada. Algumas falas dos alunos servem para evidenciar a incapacidade de enfrentamento e a desarticulação entre o próprio grupo de oposição ao DCE de Elvira:

- Cada país tem o *Reichtag* que merece.
- [...] Não vejo nada de absurdo em se lançar um manifesto.
- Claro que não vê. Tem a cabeça nas nuvens.
- Que merda de movimento estudantil! Todo mundo assimilou o medo. Como queria a dona repressão. A gente precisa correr o risco, porra. Eles já não podem reprimir do mesmo jeito.
- [...] O sistemão está aí mesmo é para descer a lenha.
- [...] A chamada dialética do porrete feliz.
- Esse aí quer começar a revolução depois de um cafezinho no Alvorada¹² (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 98-99)

E o movimento estudantil estará em peso no pátio, o manifesto à população será lido por Marco Aurélio em conjunto com os demais alunos que estão no pátio. Pedem o retorno dos professores, autonomia universitária, fim das prisões políticas, liberdade de reunião e o reaparecimento de Felipe Nogueira. Após a leitura, fica estipulado que os alunos estarão em assembleia permanente, fato que impede Gregório de mandar nos “mandantes” para que dispersem os alunos. E os policiais entram em cena com seis camburões e vários pelotões. Em meio a essa ação unificada dos alunos que aguardam deliberações da reitoria ao manifesto, o cadáver some. No momento em que a universidade está viva pela presença

Esse caráter pequeno-burguês, apontado como regra no movimento estudantil, faz lembrar o perfil dos alunos pagantes da universidade em *Alegres memórias de um cadáver*.

¹²Na época um bar em Curitiba em que os alunos se reuniam.

politicizada dos alunos, o sumiço do cadáver, nessa situação, reforça minha defesa de “alegres memórias de uma universidade”. Obviamente a repressão patrocinada pela polícia a pedido do Gregório acaba por vencer a todos: alunos, professores e cadáver (este por um tempo).

Por último, não por achar neles algum mérito profissional, abordo os papéis desempenhados por Gregório e Elvira. Num gesto de gentileza, Elvira primeiro, por ser ela “a mais perigosa [...] a mais fiel aliada” (p. 9), dos bonecos do padre Nobre.

Ela sabia que os dois precisavam deter o poder juntos — ou não teriam poder algum. Era segura, forte, decidida. Tinha, é verdade, uma obsessão meio idiota pelos seus fichários, seus gráficos, aquelas estatísticas que ele [Gregório] só conseguia analisar depois de muito esforço, mal entendendo as curvas que subiam e desciam, os blocos enfileirados entre coordenadas, as colunas azuis, vermelhas, verdes. [...] A verdade é que os gráficos de Elvira só faziam confirmar aquilo que já sabia (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 9)

Elvira organiza-se mentalmente a partir de suas ações concretas: no papel, no papel e no papel. Sabe exatamente as anotações que deverão ser usadas e quando deverão ser usadas. Acredita ter resposta para tudo consultando sua papelada. Analisa friamente as demonstrações do interesse sexual de Stela Maris, considerando-a uma ninfomaníaca. Enquanto isso, sua cigarrilha se mantém sempre acesa. Tem verdadeira fixação por esse objeto e o mantém ao alcance da mão e da boca o tempo todo. Costuma sentir nojo dos delírios de Lineu, da incompetência de Alarico, do ar zozzo de padre Pedro, da sem-vergonhice de Stela Maris e seu nojo se transforma em ódio quando se trata de padre Nobre. O único que ousou ridicularizar a ideia dela de que não era um ladrão comum por ter sobrevivido aos tiros do guarda.

Elvira possui uma função subalterna na universidade, mas por ser conhecedora dos regulamentos da universidade, quando quer agir irregularmente abandona sua fixação por papel e transmite suas ordens verbalmente, para que não exista prova contra ela. Também por conhecer os regulamentos, sabe invocar as brechas que existem e alterar situações de modo a não comprometer a ordem. Detestava dar explicações e se irritava facilmente quando não era possível resolver tudo da forma como resolvia os seus gráficos.

Sua fixação pela cigarrilha é semelhante à fixação de Gregório por uma perna de boneca, e a limpeza dos banheiros da universidade. Talvez se juntem, ao final, os dois. Pelo menos é o que a mente de Elvira anda acalentando, desde que seja algo violento. Tudo indica que será. Afinal, a truculência de Gregório, também nos encontros com mulheres, faz crer que é sua marca registrada.

Depois do bibliotecário cadáver, a personagem que recebe maior destaque é Gregório. Trato inicialmente de sua perseguição aos serventes que mantêm o banheiro tão limpo quanto os banheiros dos motéis frequentados por Stela Maris. Ao que parece, convergem no banheiro as reminiscências do período em que frequentou o internato, dos abusos que sofreu quando lá era vigiado pelo padre-prefeito; os abusos que desferiu contra quem não tem condições de defender-se dele. A limpeza do banheiro da universidade que

ele associa à limpeza de uma casa, a meu ver, é a máscara com que o Vice-reitor compulsivamente tenta negar sua própria sujeira.

Gregório entrou no banheiro. Estava vazio, silencioso. Como um templo, pensou, como um hospital. Ou o quarto de seus pais, onde costumava entrar pé ante pé, como quem viola um recinto sagrado. Percorrendo as costas, o arrepio de coisa proibida, a decepção de nunca apanhar ninguém em flagrante, rabiscando os ladrilhos, parado ao lado da cama imaginando como seus pais deveriam fazer sexo. Fariam mesmo? Como todo mundo? No internato, o padre Jonas era perfeito nisso de pegar os que fumavam nas privadas e os que se masturbavam durante o banho. Gregório nunca havia se masturbado durante o banho. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 86)

Diante do banheiro “templo”, as investigações de Gregório são infundadas e ele não tem a mesma eficácia que padre Jonas. Por essa razão ele mesmo forja situações para que os serventes se sintam ameaçados na execução dos trabalhos de limpeza. As chances de aliviar a pressão que sofre não são muitas, mas o servente costuma contar para os colegas de trabalho os resultados das visitas de Gregório. Numa dessas vezes contou ao grupo o que lera: “As mensalidades sobem,/ o pinto do Gregório não./ Chateie o Gregório,/ mije no chão.” (p. 85). Ou outra frase que os faziam rir do Vice-reitor: “o que seguras na mão, disse o Gregório gosta” (p. 85).

Esses recadinhos eram todos fabricados pelo próprio “fiscal” da limpeza dos banheiros, ou seja, o fiscal Gregório. Afinal, quando tudo está em ordem, ele mesmo se encarrega de escrever no ladrilho de um dos banheiros: “O Gregório é bicha enrustida!” (p. 86). Na sequência os serventes são chamados e Genésio, o responsável pela chefia da limpeza, sente certo prazer ao ler o recado, pelo menos alguém está se vingando das agressivas atitudes de Gregório. Essa frase escrita por Gregório no banheiro e o medo dos serventes da limpeza de serem demitidos, garantirá ao Vice-reitor o primeiro sorriso do dia. E fiscalizar o banheiro é sempre a primeira tarefa do Vice-reitor quando chega à universidade.

Anos atrás — tendo sido expulso da direção de um colégio do interior pela população da cidade — passara seis meses escondido num convento. Naqueles dias de isolamento, os padres muito solícitos a sua volta, ouvindo o canto dos pássaros, o mugido das vacas, o ciscar das galinhas, imaginou-se afundar num lodaçal. [...] Começou a sentir dores de estômago, de cabeça, os intestinos não funcionavam. Só saiu daquela véspera de suicídio quando foi chamado para dirigir a universidade. Percebeu então que vivia à custa de desafios. [...] Aos sábados e domingos sentia a tirânica vontade de sair à caça de alguma mulher. Levá-la a um motel, bater nela, violentá-la (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 91-92)

Não é difícil entender como um profissional que foi expulso de uma instituição pequena poderia ter condições de dirigir uma instituição grande, com 12 mil alunos. Provavelmente bastou a Gregório seu passado de interno para garantir a confiança que o mercado de ensino precisa ter nos seus dirigentes. Quem conferiu a ele tamanha responsabilidade ignorando seu passado profissional negativo, possibilita inferir como explicação o fato de também na cúpula que designa os cargos a ser ocupados existir um

lastro de incompetência.

Quando pela primeira vez visita o terreno onde estava a universidade, o mato era grosso, um terço era alagado, e existiam ali¹³ apenas dois casarões, antigos depósitos. Um deles fora demolido e o outro serve hoje ao departamento de anatomia [o crédito pela organização e eficiência do departamento é atribuído ao professor Wladimir]. [...] Seis anos de trabalho, de controle de gastos, de planejamento, de conversas infundáveis com políticos sujos e percorrendo as dez mil câmaras e plenários do Ministério da Educação. Um trabalho palpável, concreto. Seis anos escolhendo a dedo os paraninfos das turmas que se formavam, concedendo títulos de doutor *honoris causa* a incompetentes bem postos na vida, pedindo verbas, cavando favores, fazendo concessões. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 116)

Depois desses incontáveis trabalhos, o sempre seguro Vice-reitor está prestes a perder o controle. Apesar de não entender quando o bibliotecário cadáver afirma ter se iludido e que “tinha a estúpida ilusão de que poderia beneficiar a Medicina”, ou seja, a ciência, Gregório acredita que basta ter o cadáver bem preso e amarrado no tanque de formol que tudo voltará ao seu controle.

Fui amarrado com tiras arrancadas das cortinas. Todo enfaixado, fui levado, quando já anoitecia, para a sala do departamento de Anatomia. O professor Wladimir estava à minha espera, olhinhos espertos e sobranceiras espetadas e confiantes. Os policiais e Gregório puseram-se em torno da mesa e assistiram ao que chamaram de “operação”. Dando aulas sobre a raridade do meu caso, e com uma habilidade cirúrgica que devo elogiar, Wladimir foi executando a “operação”. **Primeiro me costurou a boca. Depois, os olhos. Meus ouvidos foram retalhados, entupidos com algodão e gaze, e costurados sob a forma de repolho. Nos tornozelos e nos pulsos, me ataram correias de couro que foram fixadas à mesa. E, no pescoço, uma coleira de metal, que terminou por me grudar ao mármore.** (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 158 — destaque meu)

Nessa universidade em que o debate não é desejável, ter também os olhos e os ouvidos inutilizados, já facilita o trabalho do Vice-reitor. Os movimentos do corpo são impedidos e a coleira não permite o movimento da cabeça. Estando assim, o bibliotecário ironiza a sua condição de “cadáver morto”. E passa a ter no guardião Tonho os relatos do que acontece na universidade: reitoria vaga, estudantes realizam reuniões clandestinas, a morte seguida de cremação do professor Wladimir. O bibliotecário cadáver também recebe algumas visitas de Gregório, este confessa ao cadáver morto algumas histórias, lamenta certos aborrecimentos.

Na universidade do bibliotecário cadáver a violência é o outro nome de Gregório. Ele faz uso de violência sexual, física, emocional, moral, intelectual, de classe, de categoria. Ele espanca mulheres, menospreza mulheres e homens, ridiculariza e ameaça os funcionários. Ele abre os portões da universidade para que os alunos sejam espancados:

¹³ O terreno, doado por um fazendeiro para ser um cemitério e após 30 anos sem ser utilizado para a função que foi doado, torna-se moeda de troca entre políticos e Gregório. É nesse local, antes um lodaçal, que agora funciona a universidade do Vice-reitor.

[...] e mais uma vez os estudantes foram convidados a se retirar. A ordem foi dada por um policial gorducho, através de um megafone. A vaia foi a resposta. Os policiais avançaram. A multidão ergueu-se e começou a correr — movimento que se transmitiu em ondas pelo corpo do animal acuado. Iniciou-se a pancadaria. Os pelotões abriram sulcos pelo meio dos blocos compactos de estudantes, que corriam desorientados, as mãos protegendo as cabeças, recebendo cacetadas e rasteiras, escapando como podiam. [...] Os que ficavam pelo chão eram agarrados pelos cabelos, o braço direito dobrado nas costas — assim eram conduzidos aos tropeções para o portão da frente, onde, cercados por um cordão de policiais, se formara um curral para os prisioneiros. (*Alegres Memórias de um cadáver*, p. 146).

Difícilmente um Vice-reitor que não amasse o poder e a violência e recebesse um telex do ministro, dizendo que não era interesse deles que houvesse repressão na universidade da capital paranaense, iria fazer parceria com o comissário Antunes ou o agente Renato. Diante de estudantes cercados ou encurralados, era questão de tempo todos estarem presos.

Dois estudantes passaram correndo pelo campo de futebol, perseguidos por três policiais. Um deles foi derrubado com **uma pancada de cassetete na cabeça** — caiu, foi agarrado pelos cabelos. O policial imobilizou-o, colocando o coturno em seu peito. Com **os braços dobrados às costas**, foram levados para o curral que se agigantava junto ao portão da frente. [...]

No portão da frente, grupos de estudantes, as mãos unidas na nuca, entravam em camburões. (*Alegres Memórias de um cadáver*, p. 148-149 — destaque meu).

A polícia do Vice-reitor não queria apenas conter os estudantes, era preciso deixar marcas. Mas o cadáver que desapareceu nesse tumulto não era de estudante, era do bibliotecário. Na história de Roberto Gomes esse momento ganha uma pitada de humor ainda mais negro: o aparecimento de um cadáver na universidade era tudo o que o movimento estudantil precisava para que os meios de comunicação terminassem por enterrar o responsável, ou quem seria responsabilizado (o Reitor).

Enfim chega um momento em que o “cadáver morto” muda de condição:

Não posso negar que as coisas estejam indo bem. Vejo, ouço, penso. Ainda ontem consegui me deslocar pela segunda vez — sem meu corpo, é claro — até a janela. Tudo depende de um pouco de exercício, acho. E de persistência. Um dia conseguirei me movimentar pelos corredores e salas da universidade novamente. Sem meu corpo. Como um autêntico fantasma. (*Alegres memórias de um cadáver*, 2004, p. 160)

Quanto aos trabalhadores terceirizados da Universidade, esses eram vigiados e punidos com demissão, caso, por exemplo, houvesse um rabisco obsceno no banheiro dos estudantes. Submetiam-se à chefia da empresa terceirizada que não tinha interesse em perder um cliente da grandeza da universidade e ainda eram reféns das perseguições do vice-reitor. Este usa da sua posição administrativa para primeiro ameaçar os serventes e guardas terceirizados e depois demiti-los sem que esses tenham cometido o menor deslize. Significativamente quem sobra da leva de funcionários é o guardião Tonho, analfabeto que assina com X e trabalha invisível em uma universidade que não é capaz nem sequer de

apresentar um projeto de extensão para dar conta de diminuir o número de não alfabetizados, nem ao menos no interior de seu próprio espaço físico. Tonho permanece lá, isolado, na companhia do fantasma do bibliotecário cadáver. Tonho está sempre regado à pinga para suportar a tarefa de vigiar cadáveres mergulhados nos tanques de formol.

Diante dos novos terceirizados Gregório “passou em revista a pequena tropa” (107). Julga-os iguais aos que serão perseguidos por eles e, diante dos “mesmos traços, a mesma origem, a cara de cachorro acuado [...] de serem os perseguidos e perseguidores tão parecidos”, Gregório sente grande prazer. Gregório representa bem a educação sendo usada como mecanismo de controle e possibilidade de acesso ao poder para o público pagante.

Em *Alegres Memórias de um cadáver* apenas dois professores foram dispensados das funções acadêmicas, mas têm uma situação que me leva a pensar em outros expurgos. Recupero a “Ata da reunião do Conselho”, responsabilidade atribuída ao professor Loredano — é dele também a sugestão para o nome da revista *Logos Espermaticós* — que possui o seguinte texto:

“[...] assessora da vice-reitoria, Elvira Pinto, que disse julgar necessário aumento do rigor nos critérios para a inscrição das chapas às eleições do diretório, impedindo-se, [...] que elementos adeptos de ideologias exóticas se apossessem da representação estudantil [...] **solicitando que tal coisa não constasse em ata** [...] sendo a presente a transcrição fiel do que se passou, vai por mim, professor Loredano Albertosi Neto, assinada, e o será por todos os demais assim que aprovada. **Depois dos devidos expurgos, é claro**” (*Alegres Memórias de um cadáver*, p. 79-81 — destaque meu).

Escrever ata corresponde a uma tarefa mecânica e o professor Loredano é sempre o responsável por elas e, nesse caso, ele está em desvio de função. Trata-se de um documento preliminar que será passado a limpo, mas o grave é que essa ata não representa nem o que deveria constar em ata, é um documento falseado por ser de conhecimento de quase todos que participam do conselho, mas principalmente de Elvira, que essa ata corroboraria para judicialização das ações do conselho. O Vice-reitor Gregório não coaduna com interesses que não sejam ligados ao poder e ao mercado, o único que talvez pudesse ter uma visão mais socialista do papel da universidade foi demitido.

Para finalizar, relaciono brevemente as ações do Vice-reitor em diálogo com uma visão política da educação ou dos sistemas educacionais que segue um dos estudiosos da Escola de Chicago para pensar no público pagante. Esse que comumente paga para ir para a Universidade deve se sentir amparado por visão marcada pelo raciocínio econômico, por exemplo, de Theodore William Schultz. Tal visão é defendida pelo autor em *O capital humano*: investimentos em educação e pesquisa. O autor assevera que “os investimentos estão constituindo uma penetrante influência sobre o crescimento econômico; e que o investimento básico no capital humano é a educação.” (SCHULTZ, 1973, p. 10). Se é assim, os alunos pagantes (ou os pais desses alunos) estão investindo em capital humano e não pagando pelo que deveria ser direito, mas que segue como privilégio. Para o autor o “valor econômico da educação depende, predominantemente, da procura e da oferta de instrução,

considerada como um investimento.” (SCHULTZ, 1973, p. 13). Está claro que não há nenhuma garantia de que esse investimento trará o retorno que o estudante pode ter em mente. Ainda que, informalmente, a “cultura do canudo” exista, o “investimento” no “capital humano” precisa ser encarado criticamente.

Está claro que há determinantes externos e fora do controle do trabalhador que “investe”. Mais precário ainda será o investimento se é um trabalhador pobre. A teoria do Capital Humano é problemática. Ela é economicista em sentido liberalista. Por isso mesmo é a base teórica de sustentação da política de privatização. Na postulação de Schultz “[...] as escolas podem ser consideradas empresas especializadas em ‘produzir’ instrução. A instituição educação, que congrega todas as escolas, pode ser encarada como uma indústria”. (1973, p. 19)

Mas não adianta “encarar” o “investimento” no capital humano de um modo não economicista — pensar na formação humana como capital é instrumentalizá-la em benefício da acumulação. Isso é parte do conteúdo ideológico dessa teoria, que implica inclusive a responsabilização do trabalhador que não consegue fazer investimentos que deem retorno... Afinal, num livre mercado, só não progride quem não sabe investir... E o Vice-reitor Gregório parece seguir a cartilha de Schultz. Elvira também. Em *Alegres Memórias de um Cadáver* a universidade é, antes de tudo, uma empresa. Tem os trabalhadores da educação, os trabalhadores terceirizados, o número de alunos pagantes, o número de alunos desistentes, o número de alunos necessários para que uma disciplina não seja eliminada, a oscilação de matrículas, o gasto das verbas, reuniões do conselho, faturamento, balanço anual e dividendos. Ao lado disso, as atas, editais, vestibular, aula de anatomia, professor que precisa pedir adiantamento salarial (Raul, p. 8), professora (Stela Maris, p. 15) que não precisa do salário por ser casada com marido rico, industrial. Toda a questão empresarial aparece. Inclusive as compras de políticos, as apropriações indevidas de cadáver.

A outra parte do conteúdo ideológico da teoria do Capital Humano é defender uma formação tecnicista em favor do capital e em detrimento de outras finalidades da educação, como formação humana, formação de caráter, formação ética, formação para o convívio social. Ou seja, o objetivo é dar atenção exclusiva ao ganho de produtividade que a Educação pode propiciar. A educação, para Schultz, é apenas o mecanismo que viabiliza uma profissão por meio da instrução. Investindo em si mesmo você estará apto a ampliar suas escolhas e consequentemente poderá ser livre e aumentar seu bem-estar social. Ao partir desse pressuposto de que a escola é uma indústria, quem produz a “instrução”? Quem dirige a “indústria”? Há uma estrutura de classe? Defendo que sim, existe uma classe que alimenta uma outra classe.

Há uma esperança para as alegres memórias de um fantasma? Depende da universidade que ele vai encontrar. Em *Alegres Memórias de um Cadáver* o papel do bibliotecário leitor contribui para pensar a universidade como um lugar morto, impressão explícita quando o cadáver percebe a biblioteca da mesma forma que o tanque de formol: um lugar para conservar o que está morto. Nessa universidade o cadáver tenta se manter

leitor, a leitura é ponte que o liga ao mundo dos vivos. A universidade que não tem leitor é o oposto desse mundo.

Roberto Gomes (2004) refere-se aos barquinhos de papel do professor Padre Nobre associando-os a uma imagem, seja ela literária ou pictórica: *A Nau dos insensatos*. No entanto, a barca da educação, considerando-se o aspecto laocoontiano dos bonequinhos com que o Padre tripulava seus barquinhos, bem poderia ser também uma *Balsa da Medusa*, como a representou Théodore Géricault, imagem para a qual direciono o olhar do leitor na conclusão deste trabalho.

Figura 1 – Balsa da Medusa



Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 21 ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BRANT, Sebastian. *A nau dos insensatos*. Tradução Karin Volobuef. 1. ed. São Paulo: Octavo, 2010.
- GOMES, Roberto. *Alegres memórias de um cadáver*. Curitiba: Criar edições, 2004.
- FERREIRA, António Manuel. Uma escrita cadaverosa: memórias póstumas e alegres memórias. In *Ofícios do Livro* / coord. por António Manuel Ferreira, Maria Eugénia Pereira, ISBN 978-972-789-257-0, Aveiro: UA Editora, 2007, pp.141-152.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MANSAN, Jaime Valim. *Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no*

contexto da Ditadura Civil-Militar (1964 e 1969). Dissertação. Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Porto Alegre, 2009. 320 f.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar brasileiro nos *campi*. As assessorias de segurança e informações das universidades. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 30-67, June 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X009016002>.

SCHULTZ, Theodore William. *O capital humano*: investimentos em educação e pesquisa. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SILVA, Antonio Manoel dos Santos. Um romance sobre a Universidade. *O Popular*. Goiânia, 30 ago 1980. Suplemento Cultural, p. 5.

SILVA, Antonio Manoel dos Santos. *Os bárbaros submetidos*: interferências midiáticas na prosa de ficção brasileira. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

VOLOBUEF, Karin. Introdução. In: *A nau dos insensatos*. Tradução Karin Volobuef. 1. ed. – São Paulo: Octavo, 2010.

Recebido em: 25/08/2019.

Aceito em: 12/01/2020.